



Abreu e Lima: um brasileiro entre os Libertadores da América

Ricardo Abreu de Melo

Mestre pelo Programa Interunidades de Integração da América Latina PROLAM/USP

ricardoabreu@usp.br

Resumo

O presente artigo tem por objetivo apresentar de forma resumida a vida e a obra de José Inácio de Abreu e Lima, especialmente a sua contribuição para os processos de independência e de libertação da América Latina. A partir daí, discute-se os motivos do relativo esquecimento de seu papel histórico no Brasil, e as razões e a oportunidade do surgimento de recentes ações no sentido de redescobrir e reconhecer o legado de Abreu e Lima.

Palavras-chave: Abreu e Lima; Bolívar; Libertadores da América

Abreu e Lima: a Brazilian amongst the Liberators of America

Abstract

This article aims to present a summary of the life and work of José Ignacio de Abreu e Lima, especially its contribution to the processes of independence and liberation of Latin America. Thereafter, we discuss the reasons for the relative neglect of its historic role in Brazil, and the reasons and the opportunity of the emergence of recent actions to rediscover and recognize the legacy of Abreu e Lima.

Key-words: Abreu e Lima; Bolivar; Liberators of America

No dia em que o Brasil se interessar realmente pelo seu relacionamento com as repúblicas da América Espanhola, Abreu e Lima conquistará a importância que merece, na história de seu país¹.

Barbosa Lima Sobrinho

¹ Do Prefácio de Barbosa Lima Sobrinho para o livro *O Socialismo*, de Abreu e Lima. Ver ABREU e LIMA, 2001, p.11.

Introdução

No Brasil e na América Latina, a expressão *Libertadores da América* fez-se conhecida popularmente como a Copa que reúne os melhores clubes de futebol da Conmebol, a confederação sul-americana do esporte. Quando muito, essa expressão é relacionada a líderes políticos e militares da América espanhola, como Bolívar, Sucre, San Martín e O' Higgins, entre outros. E quase nunca associa-se a esta consigna um brasileiro.

O interesse desse artigo é identificar os motivos desse apartamento, em geral, do Brasil em relação a esses processos históricos comuns da América do Sul e, em especial, da pouca lembrança de Abreu e Lima, um brasileiro que foi condecorado por Bolívar com a Ordem dos Libertadores, mas que ainda não foi reconhecido como um dos Libertadores em seu próprio país. Esse estudo propõe-se ainda a identificar as razões pelas quais recentemente ocorreram iniciativas de resgate da memória e do legado de Abreu e Lima no Brasil.

A bibliografia estudada inclui os principais biógrafos de Abreu e Lima, destacadamente o historiador das ideias Vamireh Chacon, algumas das principais obras do revolucionário pernambucano, e outras publicações sobre o legado de Abreu e Lima. Em verdade, ainda é reduzida a produção acadêmica e são raras as pesquisas sobre a vida e a obra do filho do Padre Roma e ideólogo da Revolução Praieira de 1848.

Outro intento deste artigo é estimular a pesquisa e o debate sobre a contribuição pioneira de Abreu e Lima para a História e para o debate sobre o Socialismo, além de suas façanhas político-militares. Sem dúvida, a partir dessas pesquisas, encontrar-se-ão mais respostas sobre as semelhanças e diferenças compartilhadas da história do Brasil e das demais nações latino-americanas.

Um breve relato do legado de Abreu e Lima

José Inácio de Abreu e Lima nasceu recifense em família das mais ricas do Brasil, dona do engenho de Casa Forte, em 6 de abril de 1794. Há pouco mais de dois anos cumpriram-se 220 anos de seu nascimento. Além de rica em patrimônio, os Abreu e Lima eram igualmente ricos em conhecimento – com sólida formação filosófica, científica e de línguas –, e em tradição militar e revolucionária. O pai de José Inácio, conhecido como Padre Roma, foi um dos líderes da Insurreição Pernambucana de 1817. Sufocada a rebelião, José Inácio, o filho, então capitão do exército brasileiro, é obrigado a assistir em Salvador o fuzilamento do próprio pai, que fora enviado pelos revoltosos para sublevar a Bahia.

No final do século XVIII e durante a primeira metade do século XIX, Recife era a segunda cidade mais importante do Brasil, e foi berço de várias revoltas libertárias. O programa radical, liberal e jacobino da rebelião de 1917 não era separatista, previa a Independência e a República, e pretendia libertar não somente Pernambuco e o Nordeste, mas todo o território nacional; e contou com inédita participação popular, se comparada à Conjuração Mineira na qual se destacou Tiradentes.

Abreu e Lima foi durante a vida inteira fiel a essa tradição. Fugiu da prisão na Bahia com seu irmão Luis Inácio, em 1818, e foi aos Estados Unidos, de onde se projetava o exemplo revolucionário, assim como da França, e as ideias iluministas e liberais radicais. Lá conheceu um irmão de Bolívar e partiu para a Venezuela, passando antes por Porto Rico. Em solo venezuelano, escreveu a Bolívar e alistou-se voluntariamente em seu exército como capitão, servindo neste durante 13 anos até 1831, pouco depois da morte de Bolívar, em dezembro de 1830. Na primeira carta a Bolívar, Abreu e Lima comprometeu-se, em letra de próprio punho, “a sacrificarse por la independencia y libertad de Venezuela, y de toda la America del Sur”².

Em Angostura assumiu posto na redação do jornal *Correo del Orinoco*, órgão de divulgação da luta pela liberação da América, atividade na qual aprimorou sua formação nacionalista e latino-americanista, e no qual publicava notícias sobre as lutas independentistas no Brasil. Participou da estado-maior de Bolívar, chegando ao grau de general-de-brigada. Foi chefe militar em importantes batalhas como a de Carabobo, Puerto Cabello e Ayacucho, e lutou por toda a região que hoje compreende a Venezuela, a Colômbia, o Equador e o Peru, ao lado de próceres como Sucre, Páez e Santander. Recebeu condecorações como a Ordem dos Libertadores da Grã-Colômbia e foi fiel a Bolívar até o final, mesmo quando se desmanchou o sonho anfitriônico da confederação latino-americana e os chefes locais de cada país se voltaram contra o maior dos Libertadores.

Para Mazin e Stedile, no período em que lutou nos Andes, selvas e *llanos* da América do Sul, Abreu e Lima

compartilhou do desejo de integração latino-americana idealizado por Simón Bolívar. Não perdeu sua identidade nacional, porém, acima de sua vontade pessoal, colocou o sentimento internacionalista (...) sua luta foi sempre pela libertação de toda a América Latina; não imaginava a libertação de um só país, mas de todo o povo do continente. (MAZIN e STEDILE, 2006, p. 64)

Em carta a Santander, datada de 14 de junho de 1823, Abreu e Lima comemorou a independência do Brasil, de setembro de 1822. Afirmou que na Venezuela é americano, não estrangeiro; disse acreditar

² Ver CHACON, 1983, p. 75.

que o Brasil poderia ser parte da “Gran Confederación Americana”; e se voluntariou para ser o primeiro enviado de Bolívar ao Brasil. Mesmo demonstrando a História que Abreu e Lima estava equivocado em seu voluntarismo, essa carta reflete bem as suas convicções mais profundas.

Abreu e Lima, por sua formação cultural e talento, tornou-se um dos principais ideólogos do processo libertador. A pedido do próprio Bolívar, escreveu um texto para defender a epopeia libertadora sul-americana de ataques feitos na Europa por Benjamin Constant, que considerava radical e monárquica a experiência da Grã-Colômbia. Assim surgiu a sua obra de 1820, *Resumen histórico de la última ditadura de Simón Bolívar, comprovada con documentos*. Bruni cita uma frase de Bolívar que avaliou o trabalho de Abreu e Lima: “ningún outro militar conseguiria producir un texto de igual densidad y calidad”. (BRUNI, 2011, p. 63)

Voltou ao Brasil após a derrota política e a morte de Bolívar, e dedicou-se, primeiro no Rio de Janeiro (de 1831 a 1844), e depois em Recife (de 1844 até sua morte em 1869), à atividade política e aos estudos sobre História, Filosofia e Política, e atuou como jornalista, sempre revelando grande talento polemista. Escreveu obras pioneiras como o primeiro livro de um brasileiro sobre a História do Brasil, *Bosquejo histórico, político e literário do Império do Brasil*, de 1835, ao qual se seguiram o *Compêndio da Historia do Brasil*, de 1843, e o *Historia Universal*, publicado em 1847.

No obra *O Socialismo*, o general escritor demonstrou também um talento para a geopolítica, quando criticou, no estilo que aprendeu e compartilhou com Bolívar, o expansionismo pan-americanista estadunidense baseado na Doutrina Monroe e na derrota temporária da “Gran Confederación Americana”. Fez ainda um profético e nacionalista prognóstico sobre o Brasil – que orientou em vários momentos a política externa do Itamaraty, como nos governos dos presidentes Luís Inácio Lula da Silva e Dilma Vana Rousseff –, além de uma advertência aos Estados Unidos:

O seu egoísmo e a sua ambição [dos Estados Unidos da América] acabarão por revoltar contra si todo o mundo: ambição que se revela em suas obras, e que não occultão em seus discursos. Na sessão do Congresso dos Estados-Unidos em 1836 um Senador (Mr. Preston) proferiu as seguintes palavras: “A bandeira estrellada brevemente fluctuará sobre as torres do México, e dali seguirá a sua marcha até o Cabo de Hornos, cujas ondas agitadas são o único limite, que o *Yankee* reconhece à sua ambição!”.

Que chegarão ao México é de evidência manifesta, porque já lá forão, e até a Panamá, onde já se achão collocados, talvez mesmo ao Orenoco; mas para chegar ao Cabo de Hornos teem os *Yankees* de atravessar o Amazonas, onde se affogarão como o exercito de Pharaó no mar vermelho. He que os *Yankees* desconhecem, que o Brasil está chamado a desempenhar no hemispherio do sul a missão providencial para que elles forão escolhidos no hemispherio do norte: o tempo o mostrará (...). Não é a Europa que há de servir de obstáculo à ambição *Yankee* no continente americano, mas tão somente o Brasil. (ABREU E LIMA, 2001, pp. 217 e 218)

O brasileiro Abreu e Lima foi também o primeiro sul-americano e um dos primeiros americanos a tratar em livro do tema d'*O Socialismo*, título de seu livro impresso pela primeira vez em 1855. Foi considerado, ao lado de Saint Simon, Fourier e Owen, um dos socialistas utópicos, embora tenha defendido com originalidade um socialismo cristão. O historiador maior da vida e obra de Abreu e Lima, Vamireh Chacon, analisa a opinião de Gilberto Freyre sobre essa obra precursora.

Gilberto Freyre vê antecipações de Marx no *Bosquejo* de 1835, diríamos convergências. A predominância, “em última instância” como insiste Engels, do econômico sobre o social e a luta de classes enquanto motor da história, são ideias comuns aos socialistas pré-marxistas de inícios do século XIX. Seria muito mais complexo o que Karl Marx veio a acrescentar. (CHACON, 1983, p.196)

Ainda sobre *O Socialismo*, o também pernambucano e fundador do Partido Comunista do Brasil em 1922, Cristiano Cordeiro, defende em artigo intitulado *O General Abreu e Lima – Precursor do Socialismo no Brasil*, que o autor é a “abelha precursora da colmeia socialista brasileira”³.

Em 1848 milhares de pernambucanos empunham armas na Revolução Praieira, da qual Abreu e Lima era um dos principais líderes e ideólogos, para defender um programa político radical, nacionalista e popular.

Mais uma vez as forças imperiais derrotam a insurreição, como havia sido em 1824, durante a Confederação do Equador. Liderada por Frei Caneca, a revolta que levou o nome do Equador antes mesmo da criação desse país, adotou em Pernambuco as cores da bandeira e a Constituição da Grã-Colômbia, numa clara referência às lutas similares da América espanhola, no momento em que Abreu e Lima lutava ao lado de Sucre pela independência do Peru.

Segundo Chacon, da Conjuração Mineira de 1789 à Praieira de 1848, há uma “linha crescentemente radical até se projetar no socialismo chamado de utópico, melhor dito pré-marxista, de 1848 (...). Foi um ascendente processo de conscientização”⁴.

Pela participação na Praieira, Abreu e Lima foi condenado à prisão perpétua, mas conseguiu sair da prisão em 1850 para continuar a escrever seus livros e a envolver-se em polêmicas na imprensa da época. Morreu em 1869 aos 75 anos de idade, quase sem posses, defendendo a liberdade religiosa, sendo por isso negada a ele uma sepultura católica. Seus restos mortais repousam no Cemitério dos Ingleses, em Recife, observados por um busto de seu chefe militar Bolívar, colocado em frente de seu túmulo.

³ Ver CHACON, 1983, p. 197.

⁴ Ver CHACON, 1983, p. 32.

As razões do relativo esquecimento de Abreu e Lima

Muitas são as razões que podem explicar o ostracismo praticado em relação a Abreu e Lima, de caráter objetivo e de motivação subjetiva. Neste espaço enumeramos algumas hipóteses, que ensejam uma maior investigação e sugerem uma agenda de pesquisa.

A primeira razão reside nas semelhanças e diferenças históricas entre o Brasil e os demais países da América Latina. É sabido que o processo de formação do Brasil e a forma como o país se tornou independente guardam similitudes em relação à herança colonial ibérica, às lutas populares inspiradas pelo liberalismo radical e pelo socialismo pré-marxista, e ao antagonismo posterior com o expansionismo monroísta dos Estados Unidos. Essas são características comuns às trajetórias históricas das nações latino-americanas.

Entretanto, também há enormes diferenças, como os processos que determinaram enfim as independências em seu desfecho, e as formações políticas de tipo republicano e fragmentário na América espanhola, e de tipo monárquico e unitário no Brasil. Abreu e Lima lutou os mais intensos anos de sua vida na América espanhola, e depois desse período no Brasil, de 1831 a 1869. É, portanto, mais valorizado e conhecido enquanto voluntário internacionalista do que como prócer brasileiro, título atribuído a Tiradentes e José Bonifácio, entre outros.

Uma segunda motivação que pode explicar o relativo abandono da memória de Abreu e Lima, na própria região da Grã-Colômbia, é a sua fidelidade a Bolívar, até mesmo depois de sua morte, quando enfrentou, em 1831, os ex-aliados do maior dos Libertadores em batalhas como a de Riohacha. Trata-se de um enfrentamento com figuras como Páez e Santander, outrora leais a Bolívar.

Segundo publicação do Ministério da Comunicação e Informação (MIC) do governo venezuelano, datada de 2005, “por ser Abreu e Lima un partidário de el Libertador, los gobiernos antibolivarianos de Colombia y Venezuela ignoraron sus méritos, como los de muchos otros patriotas” e o exilaram, sendo expulso da Venezuela em 1831. Com a assunção de Hugo Rafael Chávez Frias ao governo da Venezuela, em 1999, intensifica-se a recuperação da memória de Abreu e Lima, que para o novo governo bolivariano “regresó y está hoy entre nosotros. Su espada acompaña, nuevamente, a la espada de Bolívar, en la liberación de Venezuela y de toda América Latina”⁵.

⁵ Ver Ministerio de Comunicación y Información, Gobierno Bolivariano de Venezuela, 2005, p.16.

Uma terceira possível explicação para o fato de poucos cidadãos brasileiros conhecerem o general liberal radical, e depois socialista, Abreu e Lima guarda relação com o observado pelo brasilianista Stuart Schwartz⁶:

Comparando os historiadores brasileiros e os americanos [dos Estados Unidos da América - EUA], por exemplo, nota-se uma diferença. O pesquisador americano procura no passado o que deu certo na sua História. Já o historiador brasileiro busca o que deu errado. Não quer estudar o que aconteceu de bom e de ruim, mas mostrar que o Brasil nunca funcionou bem. Para ele, a Independência não foi uma independência de verdade. (...) É um modo pessimista de ver o país, definido, a priori, como um lugar onde nada dá certo (...) formando a visão do país sobre si próprio. (REBELO, 2009, p. 2)

Em outras palavras, uma visão que desvaloriza as lutas populares e os heróis nacionais, somente pelo fato de as rupturas na história brasileira terem sido incompletas, e terem desfechos e caminhos diferentes de outros países, mesmo de *Nuestra America*. A pouca atenção dedicada a Abreu e Lima pelos nossos historiadores e pelas instituições políticas brasileiras também é um sintoma dessa tradição historiográfica criticada pelo brasilianista citado acima.

Segundo Rebelo, heróis do povo como Abreu e Lima

têm sido estigmatizados por limitações a que não poderiam estar imunes (...). Nem todos puderam realizar completamente seus sonhos, mas se há nisso uma limitação, deve ser creditada às condições determinantes das lutas pela transformação da sociedade nacional. (REBELO, 2009, p.7)

Abreu e Lima, sempre muito modesto e leal, foi protagonista de vitórias políticas e militares importantes na América espanhola. Já no Brasil, mesmo com coragem e heroísmo, colecionou derrotas políticas e militares. E a História que acaba predominando é a escrita pelos vencedores. Some-se a isso o pouco interesse e a reduzida difusão, no Brasil, da História compartilhada com as nações sul e latino-americanas.

Possivelmente uma quarta razão a explicar o lapso em torno da memória do filho do Padre Roma é a desvantagem que Abreu e Lima sofreu por ser brasileiro e falar português, ou seja, ser somente “americano” na Grã-Colômbia, onde não era nativo. E, ao mesmo tempo, a desvantagem de ser visto no Brasil mais como um herói da *Patria Grande*, como dizia San Martín, do que na qualidade de revolucionário brasileiro, quando retornou ao Brasil, em 1831.

⁶ Stuart Schwartz é brasilianista da Universidade de Yale, EUA, em entrevista à revista Veja, em 1999. Ver REBELO, 2009, p. 2.

Uma quinta motivação pode estar baseada no fato de que na América espanhola, inclusive na Grã-Colômbia e no estado-maior de Bolívar, o Brasil era visto com admiração e desconfiança, e Abreu e Lima era brasileiro e apoiador de Pedro I desde meados de 1822. Quando foi articulada em sua fase final, a partir de José Bonifácio, a independência brasileira conservou a monarquia e a unidade nacional.

Indalécio Aguirre, um dos muitos biógrafos de Bolívar, assinala a “ambiciosa vontade de hegemonia em América” da parte do Brasil e sua “previsora política de expansão”. Porquanto a visão romântica e brasileira de Abreu e Lima acerca do papel do Império do Brasil não era bem aceita entre os Libertadores *criollos*, que seguiram governando os novos países surgidos da fragmentação da Liga Confederada presidida por Bolívar⁷.

As iniciativas para lembrar e redescobrir o brasileiro Libertador

Desde a morte de Abreu e Lima, em 1869, poucas foram as iniciativas de homenagem, no Brasil, a este célebre personagem da história brasileira e sul-americana. Em janeiro de 1873, o periódico liberal *Jornal do Recife* lançou uma campanha popular para edificar um mausoléu para o conterrâneo Abreu e Lima.

No centenário da Revolução Praieira, em 1948, o deputado estadual comunista Paulo Cavalcanti propôs festas comemorativas e a remoção dos restos mortais de Abreu e Lima do Cemitério dos Ingleses para o Cemitério Público do Recife, a fim de retificar a decisão do bispo católico da época, Cardoso Ayres, de impedir ali a sua sepultura. No final da década passada o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e a Prefeitura de Recife retomaram os esforços do deputado Paulo Cavalcanti, que ainda não atingiram seu objetivo.

Barbosa Lima Sobrinho, um dos raros intelectuais e líderes políticos brasileiros que (re)conhecem o legado de Abreu e Lima, escreveu um importante artigo na revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro dedicada ao centenário de sua morte, em 1969. Antes, como governador de Pernambuco, deu o nome de Abreu e Lima a uma cidade da região metropolitana de Recife que se chamava Maricota, cenário de batalhas da Revolução Praieira de 1848.

Em 2003 foi inaugurado um monumento a Abreu e Lima na cidade de mesmo nome e, em 2005, por proposta do presidente venezuelano Hugo Chávez, aceita de pronto pelo também pernambucano presidente Luís Inácio Lula da Silva, batizou-se com o nome de Abreu e Lima uma refinaria de petróleo da Petrobras.

⁷ Ver AGUIRRE, 2011, p. 563.

A principal razão da existência de novas ações comemorativas de Abreu e Lima é a retomada, 200 anos depois, de processos políticos que se consideram herdeiros das jornadas independentistas e integracionistas dos Libertadores da América. Os governos latino-americanos que iniciaram um novo ciclo político na região a partir do final da década de 1990, protagonizaram uma nova fase de incremento da integração regional que resultou na remodelação do Mercosul e na criação da ALBA, da Unasul e da Celac.

Com o ressurgimento da figura de Bolívar e de seus ideais de integração, reemergiram também outros Libertadores, como Abreu e Lima. Registre-se no caso de Abreu e Lima que, até agora, mais por iniciativa dos venezuelanos que dos seus compatriotas brasileiros.

Considerações finais

Nos últimos meses de sua vida, Abreu e Lima viveu um episódio que simboliza metaforicamente o que ocorreu com o seu legado. Um ladrão invadiu a sua casa em Recife e furtou vários objetos, que foram recuperados pela polícia, menos alguns; entre os pertences não devolvidos a Abreu e Lima estava a Ordem de Libertador de Nova Granada – hoje Colômbia –, recebida em 1819 pela sua participação na guerra de liberação da região conhecida à época como Cundinamarca.

As homenagens e, sobretudo, o (re)conhecimento e a difusão do legado do “general das massas”, principalmente no Brasil, mas em todos os países por quais ele lutou, ainda são bastante desproporcionais à grandeza de sua figura histórica.

Uma tarefa cabe aos estudiosos da América Latina e de sua trajetória de lutas pela independência e pela integração regional, e às instituições acadêmicas, políticas, culturais e de comunicação social de *Nuestra America*, e particularmente do Brasil: restituir o direito à memória, furtado de nosso Libertador qual sua medalha; pesquisar e divulgar a vida e a obra de José Inácio de Abreu e Lima, o brasileiro Libertador da América.

Referências bibliográficas

ABREU E LIMA, José Inácio de. *O Socialismo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra/Faperj, 2001.

AGUIRRE, Indalecio Liévano. *Bolívar*. Caracas: Fundación Editorial El perro y la rana, 2011.

BRUNI, Sergio. *El Muy Inquieto Señor General: la vida de José Inácio de Abreu e Lima*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2011.



Anais do II Simpósio Internacional Pensar e Repensar a América Latina

ISBN: 978-85-7205-159-0

CHACON, Vamireh. *História das Ideias Socialistas no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.

_____. *Abreu e Lima: general de Bolívar*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

MAZIN, Angelo Diogo e STEDILE, Miguel Henrique. *Abreu e Lima: general das massas*. São Paulo, Expressão Popular, 2006.

Ministerio da Comunicación e Información, Governo Bolivariano da Venezuela. *José Inácio de Abreu e Lima, El general de las massas*. Colección Biografías. Caracas: MCI, 2005.

RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

REBELO, Aldo. *Construtores do Brasil*. Brasília: Câmara dos Deputados, 2009.